

Encomendação das almas: um rito em louvor aos mortos ¹

Ulisses Passarelli

*Ao folclorista José Carlos Rossato (Votuporanga / SP), a quem agradeço a gentileza da
revisão*

Resumo

O presente texto se refere ao rito da cultura popular conhecido por encomendação das almas, praticado no período da quaresma com o objetivo de rogar preces em favor das almas, visando seu progresso espiritual e alívio das penas. Objetiva ainda exortar aos vivos o cumprimento dos ideais cristãos para livrar-se das penas infernais. O rito, sempre noturno, tem como característica marcante o aspecto tétrico, o canto lúgubre e o cunho lendário envolvendo os mortos. Nas considerações finais o autor expõe sua opinião sobre o grupo de São João del-Rei, sua cidade natal.

Palavras-chave

Encomendação, almas, quaresma

Introdução

Este texto é dedicado à exposição do rito quaresmal encomendação das almas, com base em estudos de gabinete, concernentes à sua ocorrência em diferentes regiões brasileiras e sobretudo na pesquisa de campo na microrregião Campos das Vertentes, de Minas Gerais (centro-sul do estado / 1996-2003).

Encomendação das almas, encomenda das almas, recomenda das ... , recomendação ... , reza ... , alimentação ... , lamentação ... , procissão... , terno ..., terço... e reis ... das almas. A vasta sinonímia reflete o pensamento popular acerca do significado social desta manifestação folclórica. Encomenda e suas variantes, falam do objetivo de se encomendar, ou recomendar as almas, aos cuidados divinos, por meio de preces, no sentido de aliviar-lhes as penas. Assim acreditam que elas alcançarão a luz celeste e o descanso. As almas são alimentadas por orações, tal como o corpo, a matéria, precisa de comida. Ao mesmo tempo seus cantares lamentosos evocam um recolhimento reflexivo. O conjunto desfila processionalmente e estaciona de tanto em tanto para cantar. Esses locais são chamados estações, passos, pontos ou paradas, conforme a região.

Consiste tal grupo, de herança ibérica, num conjunto piedoso de devotos que a altas horas da noite, sai pelas ruas no período da quaresma, entoando cânticos lúgubres em louvor às almas, rogando rezas em seu sufrágio e exortando os fiéis pecadores a corrigirem seus erros, sob a pena de serem condenados ao inferno. Há grupos apenas masculinos, outros femininos, além dos mistos. Crianças habitualmente não participam.

Caminham pelas ruas e não entram pelas casas. Uma exceção gaúcha encontrei em Paixão Côrtes:

*É recebido pelo dono da residência, mas sua entrada se dá pela porta do fundo,
ficando, no entanto, a matraca pelo lado de fora da porta, para não despertar*

¹ In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei**, v.12, 2007.

as almas aflitas dentro das residências. O acolhimento se dá dentro do maior respeito e sem algazarra. É habitual o oferecimento de café preto, batata doce, pinhão, amendoim, bolos, roscas, chimarrão, um traguinho de cachaça por parte do proprietário da casa visitada. Se este por qualquer motivo não desejar receber os rezadores, coloca esses alimentos no beiral da janela em um lugar visível e resguardado do alcance dos cachorros.

Não se dispõe ainda da data certa de sua entrada no país, via Portugal. As notícias mais remotas que se tem divulgado, datam do começo do século XIX, mas é plausível que a tenham introduzido antes. As formas mais primitivas, em voga naquela centúria, traziam consigo homens penitentes, que se auto-flagelam. A auto-flagelação é feita com o chicote chamado “disciplina”, feito de couro cru ou fio de linho ou algodão trançado, tendo no extremo cacos de vidro, pregos, lâminas metálicas cortantes. Ao término do ritual estão enxangües. O sangue escorrido é uma purificação, obtida pelo ato extremado.

Distribuição geográfica

Do século XIX são as citações de Saint-Hilaire (1817), em Itabira e Serro/MG, com penitentes batendo matracas; na segunda metade, Melo Morais Filho descreveu tais práticas, também com os penitentes, todos homens, vestidos de buréis brancos e cabeça encapuzada por cogulas. Assim amortalhados saíam pelas ruas com flautas, violoncelos, rabecas, cantando de forma medonha. Quem a espiasse viria um rebanho de ovelhas (as almas) e um frade sem cabeça lhe entregaria uma vela. Houve em Canudos/BA, entre os seguidores de Antônio Conselheiro, como registrou Euclides da Cunha no clássico “Os Sertões”. Em Natal/RN, Cascudo afirmou terem ocorrido até por volta de 1856 ².

No século XX foram registrados em Itanhaém / SP, onde Alceu Maynard Araújo os viu, representados por um grupo de migrantes nordestinos. Foram também noticiados os penitentes em Ibiapetuba / MG (região do Rio Preto, afluente do São Francisco), por Edilberto Trigueiros; em Pilão Arcado e Xique-Xique, na Bahia, por Oswaldo de Sousa - que recolheu letra e música ; Juazeiro / PE, por Alceu Maynard Araújo; Sergipe, por Carvalho Déda; Água Branca / AL, por Tenório Rocha; Cariri cearense: Crato, Caldeirão, Jardim, Barbalha, Jamacuru (Missão Velha), Brejo Santo, por Figueiredo Filho.

Creio se possa creditar aos penitentes a qualidade de modalidade mais primitiva da encomendação das almas, com alguns ritos e crenças próprias. Praticamente desaparecidos do cenário nacional, resistem numa área restrita ao sertão do médio Rio São Francisco (região de Juazeiro / BA, onde foram estudados por Alceu Maynard Araújo) e ainda no Sertão do Cariri, no Ceará, onde resistem alguns grupos com grande rigidez doutrinária. A penitência não reside só na flagelação (hoje rara) mas também em sacrificados jejuns e abstinências sexuais de seus praticantes, orientados pelos organizadores (líderes, melhor dizendo), configurando-se em alguns lugares quase como uma seita, de cunho fortemente apocalíptico e dual (bem X mal), vivendo paralelamente ao catolicismo popular tradicional, sendo por ele influenciado.

² O folclorista Severino Vicente, descobriu em suas pesquisas de campo e gentilmente me informou em out. / 2004, da existência de um grupo ativo de Penitentes na cidade de Luís Gomes / RN.

Posto de lado a questão particular dos penitentes, acerca da encomendação típica (sem flagelação), sua geografia é a seguinte: ocorre no centro-sul e parece não existir na Amazônia e interior nordestino (exceto sul baiano), ou pelo menos desconheço fontes indicativas de sua presença nessa vastidão territorial.

No centro-oeste é rara. Em Goiás foi citada em Arraias por Rosalina Cordeiro e em Trindade, por Elza de Freitas. Subsiste em Fátima, na zona rural de Hidrolândia³. Em Cuiabá / MT, ao som de rabeção, paravam de tanto em tanto a pedir preces pelas almas, com a mesma restrição de não espiar o grupo, pois apareceria a velha que entregaria uma vela para ser guardada, que logo se transformaria num osso humano⁴.

É dispersa no nordeste, porém em vias de desaparecimento. No Maranhão, em Alto Parnaíba, Domingos Vieira Filho, certificou-a batendo matracas, agitando roque-roques, cantando em estilo tétrico, rogando preces para as almas, de casa em casa, que permanecem de luzes apagadas, portas fechadas e os fiéis de joelhos no chão. Sobrevive em sua forma típica e bastante preservada no médio São Francisco, trecho baiano bem ao sul, em contigüidade de ocorrência com o extremo norte mineiro. Aí foram documentadas em vídeo por Diamantino, em Carinhanha e Malhada⁵. Há em Correntina.

Do Espírito Santo há poucas notícias disponíveis. Guilherme Santos Neves citou-a em Alfredo Chaves, com o acompanhamento do casaca, reco-reco típico dos capixabas, com a cabeça de um boneco esculpida no extremo superior. Em São Mateus e Conceição da Barra, no norte do estado, para mais amedrontarem, saiam encapuzados, portando velas acesas, segurando ossos e arrastando correntes.

É difundida em Minas Gerais. Segundo Totini, no município de Ponte Nova, Zona da Mata mineira, *“as encomendações de almas nas sexta-feiras da quaresma desapareceram, permanecendo em pequenas partes rurais como: Sesmarias, Três Tiros e Posses”*. Foi abordada em Minas pelo professor Saul Martins. Em Gomes & Pereira encontram-se preciosos informes analíticos e cantos coletados em Jequitibá, Nova Era, Logradouro e Vazante. Maria de Lurdes Sacramento estudou-a em Lima Duarte; Terezinha Sant’Anna em Viçosa; Paniago em Paraguai, município de Cajuri; Carlos Felipe noticiou-a em Carmo do Cajuru⁶. Notícias orais informam sua ocorrência em Pedra do Indaiá, Itapicirica, Divinópolis, Juiz de Fora, Santos Dumont e Barbacena. Nada confirmei a respeito destas. Um recente levantamento (2002-3), efetuado por Oswaldo Giovaninni Jr., apontou-as ativas em Cajuri, Santana do Manhuaçu, São Miguel do Anta e São Sebastião da Várzea Alegre. Em Mariana ainda se pratica, ao que parece, já um tanto estilizada. É freqüente no sudoeste mineiro.

³Gentil informação pessoal de Jadir de Moraes Pessoa, da Universidade Federal de Goiás, out. / 2004.

⁴ MENDONÇA, Rubens de. Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá. Cuiabá: Igrejinha, 1977. P.124.

⁵ DIAMANTINO, Dêniston F. Encomendação das Almas. Belo Horizonte: Opará, 2001. Vídeo-documentário, VHS, 20 minutos. Registra também o grupo mineiro de Lavra Nova, perto de Ouro Preto.

⁶ FELIPE, Carlos. Agora, silêncio: está começando uma Encomendação das Almas. Estado de Minas, Belo Horizonte, 22 mar. 1986. Caderno 2.

Em São Paulo é divulgada ⁷. Alceu Maynard Araújo coligiu dados sobre esta manifestação em Mirandas (Tatuí). Kilza Setti, citou-as em Itaberá, Rio Branco, Novo Horizonte, São Manuel, Ponte Nova, São Joaquim da Barra, Vargem Grande do Sul, Tietê, Santa Rosa do Viterbo, Brotas e Laranjal Paulista. Cita-as também em Embu ⁸, e de sua pesquisa constatou-as em Lindóia e Socorro, outrora conhecida por Pereira.

No Rio Grande do Sul se preservam em Soledade, sendo “realizadas por um terno, isto é, grupo de pessoas com a finalidade de rezar, cantar, batendo matracas e pedindo orações para as almas. O ritual é iniciado nas sextas-feiras da quaresma, principalmente, na sexta-feira santa.”, informa Marques *et all*.

Compreendendo o rito

A morte como o mais desconhecido momento da vida humana, tem gerado ao longo dos séculos uma série de crenças, tabus, superstições, práticas, sendo seu folclore rico e complexo motivo para estudos ⁹.

Toda uma concepção religiosa da visão da agonia, da morte e do *post-mortem*, se interrelacionam com velhíssimas práticas medievais européias e mesmo mais remotas, advindas do paganismo. A encomendação é até certo ponto um rito coletivo, que alude à mais temida passagem humana.

Suas cantorias visam o sufrágio das almas do purgatório, dos assassinados, dos afogados, etc., mas, como bem observaram Gomes & Pereira, dirigem-se também aos vivos, admoestando-os a seguirem uma boa regra de conduta cristã, como condição para salvarem desde já as suas próprias almas ¹⁰: “onde vais, homem perdido? / ofender a Deus e a ti! / lá no inferno tem um fogo, / ai de ti, se lá cair...”

Depreende-se que o ritual tenha assim um valor educativo e preventivo. É uma caridade que retorna: relatam que todos temos necessidade de rezar pelos mortos porque

⁷ ALMEIDA, Benedito Pires de. A Recomenda de Almas. A Gazeta. São Paulo. 01 out. 1960.

JARDIM, Mara P.S. Veiga. Aspectos Folclóricos da Semana Santa em Macatuba. S.Paulo: Sec. Cult., Ciência e Tecnol.

LIMA, Rossini Tavares. Acordai, Irmão das Almas, acordai, vamos rezar... A Gazeta. S. Paulo. 14 mar. 1959.

_____. Grupo Religioso da Quaresma. Idem. 17 mar. / 24 mar. / 31 mar. 1962.

PRADO, José Nascimento de Almeida. Trabalhos Fúnebres na Roça. Revista do Arquivo Municipal. S.Paulo, 1947. n.115.

XIDIEH, Oswaldo Elias. Semana Santa Cabocla. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1972.

⁸ Cf.: JORDÃO, M.F. O Embu na História de São Paulo. Embu: Prefeitura Municipal, 1960.

⁹ SANT'ANNA, José. Cuide da vida, porque a morte é certa. Anuário do 33º Festival do Folclore, 10-17 ag. / 1997. Olímpia.

JUNQUEIRA, Bié. Rito de passagem da vida, da morte ao céu. Anuário do 35º Festival do Folclore, 8-15 ag. / 1999. Id.

¹⁰ Inf. Aloísio dos Santos, 1998. Tal quadra pertencia ao repertório das antigas Encomendações de São João del-Rei.

também nós, em breve, estaremos sepultados e precisaremos de rezas. Se em vida oramos pelas almas, uma vez falecidos teremos quem reze pela nossa; caso contrário ela ficará esquecida e não poderá ascender no purgatório, pois crêem, que são as preces recebidas que as fazem progredir, pela misericórdia divina, subindo das chamas em direção à luz.

O purgatório na concepção popular é um meio termo entre céu e inferno, com gradações, superiores e inferiores, respectivamente. É uma versão, ainda que imperfeita, do umbral espírita.

Outro aspecto funcional é o da encomenda como expressão de fé nas almas, tal como se tem nos santos como mediadores do sagrado. Assim, se a folia é uma manifestação consagrada aos Santos Reis e a congada à Senhora do Rosário, a recomenda é consagrada às almas. É uma forma devocional de se manifestarem seus devotos a elas, como um dançador ou promesheiro faria uma dança de São Gonçalo para o santo português de Amarante. As graças recebidas por intermédio das almas, podem ter a gratidão do devoto externada sob a forma de uma encomendação de almas.

Embora pouco abordada pelos estudiosos, tal devoção é muito maior que se supõe, ultrapassando em muito à de vários santos ¹¹. A igreja se viu obrigada a abrir concessões para o gigantesco número de devotos que abraçam essa crença. Nota-se nos livros de intenções de missas, a quantidade de celebrações pelas almas, pedindo isto ou aquilo, ou em ação de graças, ultrapassando disparado qualquer outra intenção, como verifiquei superficialmente em São João del-Rei, embora não tenha realizado estatística a respeito. Nessa cidade, onde centro minhas observações, a visita dos fiéis ao cemitério na segunda-feira (dia votivo das almas) é sempre acentuada. Acendem muito mais velas brancas, em relação aos demais dias da semana. As missas de segunda-feira, costumam ser as que mais enchem as igrejas e em alguns casos acumulam mais fiéis que as de domingo. Ficou célebre a “missa d’alva”, na aurora, 5 horas, que se realizava na catedral basílica de Nossa Senhora do Pilar. Ficou popularmente conhecida por “missa das almas”.

Em Santa Cruz de Minas há uma missa na segunda-feira, dentro do cemitério.

A popularidade desse culto se nota nos quintais, onde rezam e acendem velas para as almas. Acredita-se que não se pode fazê-lo dentro de casa, pois para aí se atraem as almas de todo o tipo e não é fácil extirpá-las do lar, assombrando os moradores. Somente ao ar livre se pode louvá-las, ou nas igrejas.

É grande o número das orações impressas em folhas avulsas, “santinhos”, e ainda nos jornais, sobretudo às chamadas “13 Almas Benditas”.

Nos terreiros de umbanda também se consideram as almas. Há pontos riscados e cantados para elas. São inseparáveis da linha africana, sob o comando dos negros velhos e

¹¹ O fiel das almas vive quase à margem do catolicismo oficial. É bom contudo lembrar das Irmandades de São Miguel e Almas, freqüentes nas cidades históricas, como forma aceita (oficialmente) de trabalho em favor das almas. São Miguel Arcanjo é popularmente o guardião das almas e seu condutor, levando-as pelos caminhos do além e pesando suas faltas e acertos no julgamento divino, daí ser representado com uma balança à mão. Nossa Senhora do Carmo é também relacionada às almas, acreditando-se que os fiéis que são seus devotos e usam seu escapulário, ao morrerem, terão suas almas resgatas pela Virgem do purgatório no primeiro sábado após a morte.

negras velhas, espíritos de escravos, e na quimbanda, na linha das almas, chefiada pelo respeitadíssimo sr. Omulu.

Outro universo correlato que não vou adentrar neste texto é o das cantorias de ofícios, excelências, louvores de anjo (canto às almas de crianças), dos epitáfios e estudos de aspectos de túmulos, símbolos mortuários, condolências, ritos de velório e enterro, luto.

A devoção às almas é uma constante o ano inteiro. De uma ou outra forma ela ocorre. Na quaresma há o acréscimo especial do rito da Encomendação, que nas ruas encontra na mentalidade popular um imaginário devocional acerca das almas, já muito enraizado, posto que se desenvolveu o ano inteiro.

A quaresma é período de quarenta dias que se sucedem ao carnaval, a começar da Quarta-feira de Cinzas. Foi sempre o período mais carregado do ano, ocasião que segundo as narrativas populares surgem toda espécie de assombros, como a mula-sem-cabeça, a bruxa, o lobisomem, o saci-pererê e outros terríveis seres mitológicos. O respeito do período era até a pouco muito seguido, graças sobretudo à força dominante do catolicismo. O recolhimento era uma exigência. Nesse clima de reflexão é que as encomendas vem à rua.

Quando vem às ruas um destes grupos ele traz consigo todas as concepções sociais acerca da morte e da relação entre mortos e vivos, apaziguando suas tensões, evangelizando no sentido de que ensina em seus versos, a reta conduta como caminho de salvação. A encomendação é o corolário de todas essas idéias.

O aspecto tenebroso, condenado por certos sacerdotes e carolas é apenas o reflexo de sua origem histórica nos próprios métodos da igreja medieval, pregando a existência de um Deus muito mais punitivo que misericordioso, profundamente medonha em sua estrutura, catequizando pela imposição contínua do medo da condenação ao fogo, fosse o do inferno ou o das fogueiras da inquisição.

Notícias de alguns grupos mineiros

I – São João del-Rei ¹²

Grupo muito antigo, talvez setecentista. Continua ativo, um pouco alterado. Informa Aluísio Viegas, que o estudou, que o compositor Manoel Dias¹³ escreveu a música “Encomendação de Almas”, para duas flautas, duas trompas, baixo e quatro vozes mistas:

*É obra que revela delicada beleza melódica e harmonia muito transparente.
(...) consta de dois movimentos distintos: o primeiro, 2/4, andante, é*

¹² Já publicado em: Tradição, Boletim da Subcomissão Vertentes de Folclore, n.6, mar. / 2000. Adaptado para este texto. Na fonte original há mais informações sobre as formas devocionais: as alminhas, caixas de esmolas, etc.

¹³ Manoel Dias de Oliveira (1735-1813), *Capitão da Ordenança do pé dos homens pardos libertos do distrito de Lage da Freguesia de São José do Rio das Mortes*, natural de Tiradentes/MG. Verdadeiro baluarte da música barroca brasileira. A seu respeito ver: SANTOS FILHO, Olinto Rodrigues dos. Capitão Manoel Dias de Oliveira para documentação para uma longa vida. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, v.8, 1995.

interrompido por um moderato 3/4, terminado com poco allegro 3/4. O segundo, andante 2/4, em mi bemol maior, é o famoso Senhor Deus, cuja melodia ficou gravada pelos sanjoanenses.

Tal peça tem registro no arquivo musical da Orquestra Lira Sanjoanense (fundada em 1776), dessa cidade. A partitura data de 1809.

A outra orquestra sacra também bicentenária de São João del-Rei, a Ribeiro Bastos, gravou um disco de vinil (LP – long-playing) ¹⁴, que inclui a referida peça musical. A letra é a seguinte:

*Alerta, mortais, alerta! E porque não duvidais, Lembrai-vos Dai-lhes, por
daqueles, piedade,
Que é tempo como está como é certo mandar que em pranto o socorro vosso,
visto... ele, desfeito,
Que a Paixão de Jesus que oreis por todo já sentem o efeito por um pai-nosso
Cristo, aquele,
Sua morte faz lembrar: que ele veio libertar: da triste agonia. e ave-maria!*

É plausível que tenha existido música mais antiga, porém, se de fato houve ainda não veio à lume. E se não veio ao conhecimento público esta pelo menos por enquanto, considero a mais antiga.

O maestro são-joanense Martiniano Ribeiro Bastos (1835-1912), escreveu em 1908 os “Motetos dos Passos”, orquestrados para flauta, 1º e 2º oficleides, violoncelos e contrabaixo, com coro misto a quatro vozes (soprano, contralto, tenor e baixo), e texto em latim. Tais motetos são empregados nas vias-sacras externas no centro histórico da cidade e passaram a ser também usados na encomendação das almas, em data incerta do século XX, em detrimento da original obra de Manoel Dias de Oliveira, um século mais antiga. Continua arrematada pelo “Senhor Deus, misericórdia pelas dores de Maria Santíssima”, mas na música dos motetos.

Trompa dá à música uma conotação especial. O contrabaixo confere-lhe um ar tenebroso. O povo lhe chama rabeção: *oh, são as trompas da encomendação das almas! – Senhor Deus, misericórdia; elas cantam pela clave de dó; o rabeção rascante, profundo, faz tremer os corações* ¹⁵.

A orquestra e coro forma um grupo, com alguns acompanhantes, que anda pelas ruas a partir das 23 horas, de três sextas-feiras da quaresma, com sete paradas para canto, a cada dia, rezando-se o rosário entre as paradas. Conservam a matraca, batida em cada parada, antes e depois dos cantos, conforme observei em 1996 e 2007. Neste último ano houve uma ligeira troca do itinerário do terceiro dia, passando da Avenida Leite de Castro para o cruzeiro da Gruta do Divino. Supõe-se que o itinerário desse terceiro dia de encomendas desde o Cemitério do Quicumbi deve ter se estabelecido apenas após o

¹⁴ Gravado em 1983, pelo estúdio Tacape, de São Paulo. Parte da série Memória Musical. Intitulado “Festa de Passos / Encomendação das Almas”.

¹⁵ CARVALHO, José Alencar de Ávila. Convocando o “sargento” Altivo Sette. **Gazeta de São João del-Rei**, n.31, 20/02/1999.

surgimento daquele (1898). Uma mudança no itinerário em data anterior aos meados dos anos 1970, invertendo a direção: antes do centro para o Quicumbi e desde então, do Quicumbi para o centro.

Meu pai, David Passarelli, informou-me que nos anos cinquenta, usavam entre os instrumentos um harmônio, espécie de pequeno piano portátil, carregado por dois participantes por meio de alças na lateral do móvel. Um terceiro trazia um banquinho (tamborete) para se sentar nas encruzas e assim executar a música. Desconheço outro relato semelhante.

É coerente a existência em São João del-Rei de uma encomendação acompanhada de instrumentos clássicos, haja vista a imensa atividade musical dessa cidade, grande centro da música barroca mineira. Apesar dessa constatação, populares informam ter havido na cidade outros grupos de encomendação, que pela descrição, coincidem com os modelos camponeses, com instrumentos rudes, participantes encobertos por lençóis brancos, etc., o que se pode explicar pelo êxodo rural.

II – Rio das Mortes (São João del-Rei)

Durante toda a quaresma, os encomendadores do Rio das Mortes, em São João del-Rei, a partir do portão do cemitério, junto à igreja do padroeiro, Santo Antônio de Pádua, percorrem as ruas às segundas, quartas e sextas-feiras, fazendo sete paradas, distribuídas entre encruzilhadas, cruzeiros e lugares onde aconteceu alguma morte que se tornou bem marcante na comunidade. Percorrem também os lugarejos próximos: Largo da Cruz, Goiabeiras, Estrada Pequena e outrora até na Porteira da Várzea e Igreja Velha.

Em cada parada tocam as matracas (hoje duas, embora usassem mais) e dois ou mais berra-boi (lasca de taquara atada a um cordão, que ao ser girada com vigor provoca um zumbido tenebroso). O berra-boi não está presente em toda saída do grupo.

Não há uniforme. A roupa é a comum, decente e sem cores berrantes.

O ritual começa por volta da meia-noite, acendendo-se umas velas brancas no lado de fora do cemitério, junto ao portal. Fazem o chamamento ou chamada das almas: após todos fazerem o sinal da cruz, tocam-se as matracas e o tirador de rezas e cantos pede ave-marias pelas almas e diz a intenção específica do terço daquela noite. Rezam. Batem as matracas. Partem. Caminham rezando o terço, intercalando entre os mistérios jaculatórias e súplicas, sempre solicitadas pelo tirador e respondidas por todos. Exemplos:

- | | |
|--|---|
| - <i>Ó meu Jesus!</i> | - <i>Perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno!</i> |
| | <i>Levai as almas todas para o céu; socorrei principalmente as que mais precisarem!</i> |
| - <i>Ó meu bom anjo da guarda!</i> | - <i>Guardai-nos!</i> |
| - <i>Doce coração de Maria!</i> | - <i>Seja a nossa salvação!</i> |
| - <i>Ó meu Jesus, doce e manso de coração!</i> | - <i>Fazei nosso coração semelhante ao vosso!</i> |
| - <i>Divino Espírito Santo!</i> | - <i>Descei sobre nós!</i> |
| - <i>Nhá Chica, serva de Cristo!</i> ¹⁶ | - <i>Rogai por nós!</i> |

¹⁶ Nhá Chica: cognome de Francisca de Paula de Jesus (1810-15/06/1895), são-joanense natural da vila do Rio das Mortes, falecida em Baependi / MG, de vida muito virtuosa. O povo a considera santa. Corre oficialmente seu processo de beatificação junto ao Vaticano. Para maiores detalhes ver: SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. São João d'El-Rey

- *Glorioso Santo Antônio!*
- *Aflita se viu Maria aos pés da cruz!*
- *Ó Virgem da Conceição!*
- *Rogai por nós!*
- *Aflito me vejo; valei-me, mãe de Jesus!*
- *Valei-nos nesta ocasião!*

Nas paradas o terço é interrompido pelo canto. Sempre inicia com as matracas:

<i>Alerta! alerta! Pecadores...</i>	<i>Reza mais um padre-nosso,</i>
<i>Neste sono, que aqui estamos;</i>	<i>e uma Ave... uma ave-maria...</i>
<i>veja que a morte é certa...</i>	(matracas)
<i>filhos da Virgem,</i>	<i>Para as almas dos aflitos,</i>
<i>da Virgem Maria!</i>	<i>seja, que estamos,</i>
(matracas)	<i>pelo amor de Deus! (matracas)</i>

Sempre recomeçando do “reza mais um...”, vão sucessivamente pedindo preces para várias categorias de almas: do purgatório, benditas, dos afogados, dos queimados, dos inocentes, dos penitentes, dos acidentados, dos assassinos, do cativo, do cemitério, etc. A cada parada pedem por três destas e seguem rezando o terço até o próximo ponto onde pararão e pedirão por mais três tipos de almas e assim por diante.

Entre os mistérios do terço, intercalam outros cantos:

<i>Perdão, meu Jesus!</i>	<i>Eis me aos vossos pés</i>	<i>Grande pecador</i>
<i>Perdão, Deus de amor!</i>	<i>grande pecador</i>	<i>lamento com dor</i>
<i>Perdão, Deus clemente!</i>	<i>meus enormes crimes</i>	<i>estou contundido</i>
<i>Perdoai, Senhor!</i>	<i>perdoai, Senhor!</i>	<i>perdoai, Senhor!</i>

<i>Bendito, louvado seja,</i>	<i>Os céus cantam a vitória,</i>	<i>Humildes e confiantes</i>
<i>a paixão do Redentor!</i>	<i>de Nosso Senhor Jesus,</i>	<i>levemos a nossa cruz,</i>
<i>Que por nós sofreu martírio,</i>	<i>cantemos também na terra,</i>	<i>seguindo o sublime exemplo</i>
<i>morreu por nosso amor!</i>	<i>louvares à Santa Cruz!</i>	<i>de Nosso Senhor Jesus.</i>

<i>Bendito, louvado seja!</i>	<i>Os anjos, todos os anjos,</i>
<i>O santíssimo sacramento!</i>	<i>louvando a Deus, para sempre, amém!</i>

<i>Ao morrer crucificado,</i>	<i>Com a cruz é carregado,</i>	<i>Com o madeiro oprimido,</i>
<i>teu Jesus é condenado...</i>	<i>vai morrer crucificado...</i>	<i>cai Jesus desfalecido...</i>
<i>Por teus crimes, pecador!</i>	<i>Vai morrer por teu amor!</i>	<i>Vai morrer por teu amor!</i>
<i>Por teus crimes, pecador!</i>	<i>Vai morrer por teu amor!</i>	<i>Vai morrer por teu amor!</i>

São cantos também usados nas vias-sacras. São muito divulgados na região.

Chegando de volta ao cemitério, que é também a última parada, fazem a “entrega” : após fazerem pedidos especiais (coletivos e particulares) às almas, ajoelham-se e com muito respeito e gravidade cantam: “Senhor, Deus! / misericórdia! / pelas dores de Maria santíssima! / misericórdia!” Canto difundido, com várias versões musicais. Batem-se as matracas. Encerram persignando-se.

A encomendação das almas é tida como muito antiga no Rio das Mortes. Conta-se que outrora cantavam em latim e saíam com panos brancos cobrindo a cabeça. Tendo falecidos os antigos participantes, o latim perdeu-se e os panos foram abolidos. Contudo o

poderá ter a primeira santa nascida no Brasil. O Grande Matosinhos, São João del-Rei, ASMAT, n.50, jan. / 2004.

grupo persistiu. Em tempos mais recentes, com a morte de *Chico Barraca*, antigo organizador, a manifestação estava prestes a encerrar as atividades. Assumiu-a um jovem de 17 anos, Fábio Júnior de Sousa, o “Binho”, grande incentivador dos movimentos da juventude. Com efeito, a Encomendação desta vila tem quase a totalidade dos integrantes na faixa etária abaixo dos trinta anos, a maioria ao redor de vinte, de ambos os sexos.

Ainda há bastante respeito, não só dos participantes como da maioria da população, embora se relatem casos de desrespeito e descrédito de alguns. Outrora, se alguém os olhasse, paravam de cantar. Guardam-se ainda os preceitos de não olhar para trás, não deixar o grupo antes da entrega no cemitério e não passar pelo mesmo caminho da ida quando do retorno para cantar noutros pontos.

Correm notícias de fatos misteriosos e aparições assombrosas, algumas como lição educativa pela desobediência às regras: 1) quem olha pela janela ganha de um integrante um osso humano ou vela e quem entrega é uma alma acompanhante, fazendo-se de encomendador; 2) na saída, os cachorros ficam agitados, correndo desnorteados, latindo muito, porque enxergam as almas; 3) um homem saiu cedo da encomendação, antes da entrega, e não conseguiu abrir a porta de sua casa para entrar, porque emperrara. A chave, misteriosamente, só abriu a fechadura - sem nenhum defeito anterior ou posterior ao fato - no momento em que, no cemitério, os companheiros entregaram a obrigação, batendo a matraca; 4) um bêbado zombou dos encomendadores que passavam e logo começou a gritar e a gemer. Caía e revirava no chão, dizendo que estava apanhando. Eram as almas que lhe batiam e empurravam. No mesmo dia que os assisti e anotei estes dados, em abril de 2000, notei que alguns meninos que os acompanhavam com as matracas, vez por outra jogavam, de forma disfarçada, pedrinhas no mato próximo, que embora se interpretasse como bagunça, o propósito era amedrontar, gerando um barulho supostamente causado por almas. Um integrante diz que viu três pessoas acompanhando o grupo atrás mas não lhes viu o rosto e o fato logo foi dado como uma visão sobrenatural. Disseram que dias antes, alguns encomendadores ouviram o tropel de um cavaleiro invisível e ainda que, quando a Encomendação parou com a morte do antigo organizador, os moradores ouviram lamentoso o canto encomendador, sem que, contudo, ninguém (encarnado, material) o estivesse entoando. Eram as próprias almas que estavam a cantar, como que pedindo que não parassem com aquela piedade religiosa. Depois que se reativou o assombro parou.

Isto lhes justifica a necessidade de tais cantos e preces. Reafirma perante a comunidade seu caráter funcional e mantém diante da maioria o respeito ao grupo e seu espírito religioso, por meio do medo e da fé.

III- Emboabas (São João del-Rei) ¹⁷

Grupo extinto, percorria além dos caminhos normais de toda encomendação as casas de moradores, cantando sempre de fora. Não se podia abrir porta ou janela. Quando se sabia que por ali passariam, deixava-se de fora um lanche para eles: café, bolo, broa, biscoitos. Usavam matraca, berra-boi e réu-réu.

*Segunda-feira santa, (terça, quarta. Etc.)
onde Deus fez a morada? - bis*

¹⁷ Informante: Sebastião Teodoro da Silva, 04/04/2002, natural daquela vila. Hoje reside em São João del-Rei.

*Onde mora o cális bento
e a hóstia consagrada! - bis*

*Alerta, alerta, pecador,
ai, meus irmãos!*

*Acorde deste sono que vós estais,
ai, meus irmãos!*

*Reza um pai-nosso com ave-maria,
ai, meus irmãos!*

*Para as almas que estão em pena,
ai, meus irmãos!*

Certa vez, chegando o grupo na casa de “Totonho Tapera”, lá estava de pouso o padre “Cristóvão”¹⁸, de Ibertioga, que era capelão rural naquela área. Acordado de súbito, a horas mortas, pelo som tenebroso dos instrumentos rudes e pelo lúgubre canto, levantou muito assustado e perguntou o que havia. Responderam-lhe que era o tal costume de cantar pelos mortos. Muito bravo abriu a janela e xingou os participantes drasticamente. Diante disto, decepcionados, abandonaram o ritual.

IV – São Gonçalo do Amarante (São João del-Rei)¹⁹

Grupo extinto. Era formado de cinco a nove pessoas, por vezes mais, só de homens ou de ambos os sexos. As paradas para cantoria eram chamadas pontos, sempre em número ímpar. Em cada ponto era obrigatório pedir pelas almas do purgatório e além dessas, mais três, que podia ser: almas benditas, almas do mar sagrado, dos enforcados, dos que estão em pecado mortal, etc.

Começavam com o sinal da cruz. O tirador de cantos na frente. Com o máximo respeito, saíam às segundas, quartas e sextas-feiras. Era vetado conversar, fumar e beber. Antes de começar o canto batiam a matraca três vezes. A prece final de entrega era considerada fortíssima e muito pesada, capaz de trazer grandes desgraças para quem abusasse com falta de fé ou desrespeito. Sempre terminava na igreja ou cemitério, devendo o participante ir logo para casa, sem extraviar para outro lugar nem conversar com ninguém pelo caminho. Assim procedendo, as almas lhes protegiam; do contrário, castigavam.

_ Alerta! Ô pecador ...

está dormindo nesse sono adormecido ...

Lembrai que é tempo agora

e nosso senhor Jesus Cristo

morreu por nós pecadores!

_ Seja, pelo amor de Deus!

_ Alerta! Ô pecador ...

escutai quem está dormindo ...

lembrai que é tempo agora,

o tempo já chegou ...

_ Seja, pelo amor de Deus!

_ Peço um Pai Nosso

e uma Ave Maria!

Pelas almas do purgatório,

Pelo amor de Deus .

_ Seja, pelo amor de Deus!

¹⁸ Segundo o prof. Abgar Antônio Campos Tirado, em informação pessoal gentilmente concedida em 05/03/2007, por aproximação de data, possivelmente, o nome correto desse sacerdote seria Cristófaro (e não Cristóvão citado por meu informante) de Sousa Barros, ordenado a 7 de agosto de 1921, em Mariana por Dom Silvério Gomes Pimenta.

¹⁹ Informante: José Francisco Sales, fev./1997.

Salve, êêêê – ôh! / Pelo amor de Deus, oi! (reza do fim)

*Senhor Deus! Senhor Deus!
Pela Nossa Mãe,
Nossa Mãe Maria Santíssima ...
Misericórdia! ... (entrega)*

V – Colônia José Teodoro (São João del-Rei) ²⁰

Grupo antigo, da primeira metade do século XX, à muito desativado. Não obtive informações, apenas o seguinte canto: “Agora vamos rezar, / para as almas peregrinas... ai!”

VI – São Tiago

Na cidade de São Tiago é tradição antiga, segundo informes colhidos em 26/03/2001 junto a atual organizadora, sra. Antônia Geraldo São Tiago, do bairro Cerrado.

Eram dois grupos, sendo um masculino, outro feminino. O de homens era coordenado pelo popular sr. Eduardo, passando depois a José Bruno. Acompanhava-se de piston, clarineta, saxofone e matraca. Extinguiu-se. O de mulheres ainda se mantém, passando de d. Maria Rosa a d. Sebastiana, depois a d. Benedita (“Nenêga”), que era filha da anterior, e atualmente d. Antônia, que entrevistei.

Consta que não usavam berra-boi, nem lençóis brancos sobre a cabeça. Não se podia olhar para trás, nem assistir a sua passagem. Costume mudado. Há casos recentes de turmas de jovens zombando e mesmo agredindo as encomendadeiras de alma, a ponto de ser necessária intervenção policial.

Relata-se o caso ocorrido com um famoso sacerdote nessa cidade, que fora a altas horas da noite abrir a porta de sua casa para repreender com veemência as encomendadeiras devido a estar um tanto desorganizado o seu grupo. Não conseguiu de forma alguma abrir a fechadura. Foi impossível destrancá-la. Não pode xingar. No outro dia a mesma porta destrancou normalmente, sem problemas. Uma causa sobrenatural a travara. Comenta-se que daí em diante o próprio padre passou a defender aquela tradição, dizendo que mesmo estando ela a desejar na organização, conservava um valor religioso real.

A cantoria do grupo que assisti não tem acompanhamento instrumental além de uma matraca. Reúnem-se às 23 horas no portão do cemitério, onde, após acender uma vela, que ali fica depositada, fazem algumas orações iniciais, bate-se a matraca e canta-se o “alerta, pecadores!” e depois um rogo à virgem:

S - Alerta, alerta, um pecador!

Lembremos das benditas almas...

*C - Benditas almas
do purgatório!*

S - Peça que reze um pai-nosso...

C - Um pai-nosso e uma ave-maria!

S - Pelas almas do purgatório...

C - Benditas almas do purgatório!

Seja! Seja! Seja! seja,

*Óh virgem Senhora,
mãe dos pecadores,
lembrai-nos das penas BIS
da eternidade ...*

Obs.: S - solista ; C - coro.

²⁰ Informante: Luís Santana, dez./1996.

pelo amor de Deus!!!

A seguir, de mãos dadas, rezam um pai-nosso e uma ave-maria. Suplicam:

S - Óh Maria, concebida sem pecado...

C - Rogai por nós, que recorreremos a vós!

S - Meu Jesus...

C - Misericórdia!

Batem a matraca. Saem pelas ruas, cantando e rezando os mistérios do rosário. Após cada canto a matraca é acionada e assim nas encruzilhadas, onde param a cantar. Cada parada é chamada “ponto”. O número de pontos a percorrer deve ser ímpar. Os dias de sair à rua são as 2^a, 4^a e 6^a feiras da quaresma. Na semana das dores saem todos os dias. Eis os cantos, na seqüência da coleta:

Braços abertos,

que estais nesta cruz;

salvai nossas almas BIS

meu doce Jesus!

Por nossos pecados,

morreu numa cruz;

salvai nossas almas BIS

meu doce Jesus!

Segunda-feira santa,

onde a Senhora está? BIS

Rodeada de anjos,

bendita sejais! BIS

Bendita sejais,

Nossa Senhora das Dores, BIS

rodeada de anjos!

coroadada de flores! BIS

Bendita sejais,

Senhora das Dores, BIS

ouvi nossos rogos,

mãe dos pecadores! BIS

Pecador contrito,

serve a seu Jesus; BIS

que por seu amor

vai morrer na cruz! BIS

Foi rezada neste ponto a conhecida “Oração da Chaga do Ombro de Jesus” :

Perguntando São Bernardo ao divino redentor, qual era a dor que sofrera maior e mais desconhecida dos homens. Jesus lhe respondeu: “eu tinha uma chaga profundíssima no ombro sobre o qual carreguei minha pesada cruz; essa chaga era mais dolorosa que as outras. Os homens não fazem dela menção porque não conhecem, honra pois essa chaga e farei tudo o que por ela me pedires.”

Na seqüência rezou-se a “Paixão de Jesus Cristo” :

Em Jerusalém prenderam Jesus, o nosso salvador. Cuspiram na face e a força do braço o chicoteou. Como sofreu o nosso redentor! Foi sob o madeiro que crucificaram o nosso salvador. Soldados romanos trouxeram a cruz. Jesus a levou. Por todas as ruas daquela cidade o Cristo arrastou. E quando chegou no calvário, deitaram Jesus de braços abertos, no grande madeiro em forma de cruz e sob seus pés e também suas mãos, os cravos pregaram o nosso salvador, entre dois ladrões, que eles levantaram. O fel da amargura na boca do mestre alguém colocou e um dos soldados com a lança seu lado esquerdo furou. Foi feito assim ao nosso redentor e depois de três dias saiu do sepulcro e ressuscitou.

Diante do cruzeiro foi cantado:

Pecadores redimidos

Dolorosa e aguda espada

Junto ao filho para o Egito,

com o sangue do Senhor; traspassou meu coração eu fugi com dor atroz;
atendei, vede se há, quando a morte do meu filho quando Herodes o buscava
dor igual à minha dor... me predisse Simeão... para dar ao vil algoz...

A primeira quadra é o refrão. Cantou-se ainda:

Chegar ao céu Chegar ao céu Chegar ao céu
quando o dia clareou! BIS com Maria e José! BIS meus irmãos pecador; BIS
Para ver as horas Visitar Jesus para beijar os pés
que Jesus suspirou! BIS que veio de Nazaré! BIS os pés de meu Senhor! BIS

Repetiram o “alerta”. E então, tomando a primeira quadra como refrão, cantaram:

Óh Jesus, vos adoramos,
com sincero coração!
É de vós que esperamos BIS
a eterna salvação!

Jesus se fez criança
na gruta de Belém
de paz e esperança
fonte de todo o bem.

Viveu na oficina
do mundo, Criador,
pregou sua doutrina
de paz e amor.

Fugiu para o Egito
com Maria e José
com o coração aflito
depois voltou a Nazaré.

Por Pedro foi negado
e Judas o vendeu
na cruz esteve pregado
e por todos nós morreu.

Diante do cruzeiro entoaram este bendito de Santa Cruz com variantes regionais:

Bendita, louvada seja, Os anjos do céu contentes, No mais alto calvário
no céu a divina luz cantando a Jesus morreu nosso Bom Jesus,
e nós também na terra e nós também na terra dando o último suspiro
louvemos a Santa Cruz! louvemos a Santa Cruz! nos braços de uma cruz!

Posicionaram-se para beijar o sagrado cruzeiro: “Vamos, meu pecador, / para beijar a Santa Cruz, / cheguemos, ajoelhemos, / adoremos a Jesus!”

Batem a matraca, rodeiam a grande cruz fincada na praça e fazem a “Reza da Santa Cruz”. Depois, diante da igreja do rosário cantam o bendito da senhora desta invocação:

Bendito, louvado seja, Deus te salve, casa santa!
o rosário de Maria, Onde Deus fez a morada.
se não fosse ela BIS Onde o mora o cálix bento BIS
muitas almas se perdia... e a hóstia consagrada!

Faz-se então a entrega, momento sacratíssimo, postando-se de joelho diante do templo fechado:

Senhor Deus! Senhor Deus! Bendito e louvado seja
Misericórdia! Pela sagrada paixão e morte! O santíssimo sacramento!
Senhor Deus! Misericórdia, Senhor Deus! A puríssima Conceição
Pequei, Senhor! pelas dores de vossa mãe, da virgem Maria, senhora nossa,
Misericórdia! Maria santíssima, misericórdia!... concebida sem pecado original!

Encerraram o ritual. De pé, cantaram uma música do repertório das missas:

Aqui diante do altar O nosso prazer em viver

*viemos te ofertar
as nossas vidas senhor!
E falar do nosso amor
eis nossas vidas
é toda tuas senhor!*

*nas tuas mãos queremos por;
vamos contentes
guiados por tua luz
já não somos nós a viver
mas vive em nós Jesus!*

S - Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo!

C - Para sempre seja louvado!

S - Vamos em paz e que o senhor nos acompanhe!

C - Graças a Deus!

O batido da matraca encerrou a encomenda. Persignaram-se. Recolheram aos lares.

VII – Conceição da Barra de Minas ²¹

É tradição antiga no lugar. São desconhecidas datas exatas sobre ela. Dos antigos coordenadores ficaram destacados na memória popular os nomes dos populares *Zico Galdino, José Paulino e Zé Tobias*. A horas tantas foi desativada, segundo registro do emérito professor concepçionense, Antônio Gaio Sobrinho em virtude da misteriosa aparição de um bezerro assombrado, que os teria acompanhado desde o cemitério e depois pulado o muro da matriz da Conceição, infundindo medo nos encomendadores, pois correu notícia que aquele era o demônio e “foram baldadas as tentativas para expulsá-lo de lá, pois o estranho animal havia, misteriosamente, desaparecido deixando em todos o mais profundo pavor.” O período de paralisação esteve em torno de 12 a 15 anos aproximadamente, segundo a oralidade.

Em 1999 a tradição foi reativada por antigos participantes, a pedido de pessoas das comunidades religiosas do lugar. É chefiada pelo sr. Vicente Cirilo Ribeiro (Vicente Cristino). Na cantoria o sr. Vicente faz a 2ª voz, sendo a primeira de Luiz Dirceu (Lico da Dinha). São os dois tiradores que encabeçam o grupo. Muitas outras pessoas se destacam, dentre elas, cantando o difícil bendito e no mesmo canto, o sr. Antônio das Graças Cruz (Procópio). Nesses cinco anos vem eles conservando plenamente ativa a encomendação.

Saem às ruas 4ª e 6ª feiras da quaresma, terminando na quarta-feira santa. Próximo do período de encerramento podem eventualmente saírem às segundas. O horário de início é sempre a meia-noite, do portão do cemitério, segundo a marcação das badaladas do sino da matriz (de Nossa Senhora da Imaculada Conceição), sempre o último ponto de parada de todos os dias. Entre os dois extremos tomam diferentes itinerários a cada saída, com paradas variáveis, sem relação entre números pares ou ímpares de pontos: igrejas, encruzilhadas, passinhos. Param sempre defronte. Nunca dão as costas antes de encerrar.

Não há qualquer uniformização. Alguns usam bonés livremente, inclusive quando cantam, havendo apenas o gesto respeitoso, quase mecânico, de suspendê-lo e repô-lo à cabeça, cada vez que fazem o sinal da cruz. Não há distinção de sexo nem de idade à participação. O grupo em si tem de 15 a 20 participantes, pois não sai às ruas sempre com todos os integrantes. Fora estes, um bom número de pessoas acompanham o grupo, por devoção ou curiosidade. Conteí pelo menos 30 destes. O único instrumento indispensável é a matraca. Desconhecem o berra-boi. Em certas ocasiões, conforme a disponibilidade dos

²¹ Informantes: os dois tiradores de cantos, em 21/03/2003.

músicos da banda da cidade, comparecem tocadores de aerofones. Na ocasião destas anotações estavam presentes uma tuba, um piston, um clarinete e um trombone. O chefe relatou que tem dias que só vem a tuba; noutros, só há matraca.

No portão do campo santo se reúnem os participantes. A iluminação parca, o horário, o frio moderado, a névoa sutil, as badaladas do sino, as antigas estórias de assombração, o medo da morte e do desconhecido, o local e o objetivo em si, favorecem a formação de um clima tenebroso, que contextualiza perfeitamente a tradição na penumbra da hora morta, o que jamais se alcançaria apresentando a encomendação num palco, por exemplo. Veja-se ainda que acima do portão de ferro há um frontão com uma alegoria em alto relevo, de argamassa, de um crânio humano tendo sob o mento dois ossos (tíbias) cruzados, símbolo da morte. A esquerda da caveira, em tinta preta, há uma lúgubre inscrição em latim: *hodie mihi cras tibi*. A direita, na mesma cor, outra inscrição, em português, que é a tradução daquela: “hoje por mim, amanhã para ti”. Estas expressões medonhas fazem parte de toda uma concepção barroca da morte.

Batida a meia-noite na torre da igreja, disse o chefe: “começamos nossa encomendação, com Jesus e as almas”. Todos fizeram o sinal da cruz. Ele bateu a matraca e de imediato, começaram o canto.

S - Alerta, pecadores!

S - Três ave-maria!

C - Alerta, pecadores!

C - Três ave-maria!

S - Acordai, quem está dormindo!

S - Pelas almas do purgatório...

C - Acordai, quem está dormindo!

C - Pelas almas do purgatório...

S - Rezai três pai-nosso!

S - Seja, pelo amor de Deus!

C - Rezai três pai-nosso!

C - Seja, pelo amor de Deus!

A tuba toca sozinha na parte solista; na coral entram os demais instrumentos acompanhantes. O chefe bate a matraca encerrando o canto. Uma pessoa, em tom acutíssimo, inicia o bendito:

S - Bendito!

S - Que veio!

C - Louvado seja!

C - Do céu à terra!

- A paixão do redentor!

- Padeceu por nosso amor!

É o mesmo bendito que recolhi em Alpinópolis / MG, mas cantado de forma diversa: há um profundo contraste entre o tão agudo “bendito!” e o grave e pesado “louvado seja!”. Repete-se. Então o coro acresce, agora com toque instrumental - “A paixão do redentor!” O mesmo com o outro terceto.

Bate-se de novo a matraca, fazem o sinal da cruz e partem para outro ponto, onde repetem tais cantos. Somente na porta da matriz, encerram com este canto: “Perdão, meu Jesus! / perdão, Deus de amor! / perdão, Deus clemente! / perdoai, senhor!”

O chefe pede: “rezemos um pai-nosso e uma ave-maria a Nossa Senhora da Conceição por todos presentes.” Reza-se em voz alta. (Esta é a única hora em que se ouvem orações, pois no pedido do canto, os acompanhantes e moradores das casas vizinhas ao ponto de parada é que devem rezar em voz baixa, enquanto se processa o canto). Bate-se a matraca e está encerrada a encomendação.

VIII - Restinga (Bias Fortes) ²²

²² Informante: Júlio Prudente de Oliveira, octagenário, natural de Santa Rita do Ibitipoca.

Começavam batendo a matraca e tocando o zúbi-zúbi (= berra-boi). Depois cantavam:

1- Chamamento das Almas:

Ai, ai!

Ai, ai!

Ai, ai!

Ai, ai!

Ai... ai... ai!

Ô meu Deus do céu!

Manda as companhia

para cumprir obrigação...

Com este canto as almas comparecem para receberem as rezas. Só o devoto verdadeiramente pesaroso as vê. Não pode olhar para traz, só para frente. Já à meia-noite, entoavam no cruzeiro, de joelhos:

2- Resgate da Alma:

Ô Miguel tu vai no inferno

leva três anjos na guia,

vai buscar aquela alma

e traz à tua companhia!

Ela está sofrendo,

já pagou o que ela fez;

agora chegou a hora

e chegou a sua vez!

IX - PONTE NOVA (Bias Fortes) ²³

1- Alerta:

Alerta! Alerta, pecadores...,

Deste sono esdrumecido; [adormecido]

Reze um Pai-Nosso com Ave-Maria

Para as almas de nossos conhecido.

Alerta! Alerta! Ai,

deste sono pecadores;

reze um Pai-Nosso com Ave-Maria

Para as almas de nossos devedores.

2- Resgate da Alma:

- Ô Miguel, ô Miguel!

leva três anjo na guia,

vá buscar aquela alma

para a nossa companhia!

- Eu daqui não saio, ²⁴

nem que passa quinze ano

Que ainda ontem fez três dia

dessa alma me reclamando!

-Ôh de casa! Ôh de casa!

(O inferno estremeceu...)

Vim aqui buscar uma alma

que Jesus Cristo me deu!

- Ô gente venha ver

o milagre de Maria:

ontem estava no inferno

hoje no céu de alegria!

Grupo antigo e extinto. Informações prestadas de memória em julho / 1997. Falecido.

²³ Informantes: Elvira Andrade de Salles - ♪ ag./2004 - (cantos) e José Maria do Nascimento (instrumentos). Naturais da zona rural de Bias Fortes, respectivamente dos povoados de Guilherme e Ponte Nova.

²⁴ Variante: “Embora eu num vou / nem que passa...” (etc). Recolhi também uma versão de Juiz de Fora/MG.

- *Vai-te embora, ô Miguel,
Que essa alma eu não te dou,
Que ainda ontem fez três dia
que essa alma aqui chegou!*

- *Os anjos vão na frente,
os pecados vão atrás,
que é para nós não penar tanto
quando o mundo se acabar!*

X - ALPINÓPOLIS ²⁵

Bendito, louvado seja! BIS
A Paixão do Redentor!
Deus desceu do céu à terra, BIS
padeceu por nosso amor!

Pai-Nosso! Ave-Maria! - bis
Rezemos por devoção, - bis
Para aquelas benditas almas, - bis
que no purgatório estão! - bis

*Segunda-feira Santa,
Nossa Senhora estava,
BIS
com se Filho Bento, (*)
bendita, seja!*

(Refrão:)
*Nossa Senhora, Nossa Senhora das Dores,
rodeada de anjos,* BIS
coroada de flores!

(*) Terça: Filho doente; quarta: idem; quinta: morto; sexta: sepultado. Encerra assim:

*Sábado, para as dez horas,
Nossa Senhora estava,
com seu Filho sepultado...
Bendita sejai!*

Domingo alegre! (batendo matraca) BIS
Os anjos também!
No Reino da Glória, BIS
para sempre, amém!

XI - PONTE ALTA (Delfinópolis) ²⁶

1) Alerta:

*Alerta! Alerta, pecadores...
Deste sono que vós dorme!
Veja lá que Deus não dorme,
Pecadores quer dormir...*

*Alerta! Alerta, pecadores...,
deste sono que vós dorme!
Olha que o sono é irmão da morte,
a cama é a sepultura!*

2) Pedido de reza:

*Reze lá um Padre-Nosso,
junto com Ave-Maria,
para aquelas benditas almas,
que no purgatório está-ah, ai...!*

XII - MATA DOS MARQUES / RIBEIRÃO DA MATA GRANDE (Delfinópolis) ²⁷

²⁵ Versos transcritos de gravação gentilmente cedida por Sebastião de Pádua Queiroz, 29/07/1997, de Passos, radialista.

²⁶ Informante: Feliciano Batista da Silva, em 28/07/1997, sexagenário, grande vivência rural, morador da Rua dos Boiadeiros, Passos. Capitão de Moçambique.

²⁷ Informantes: Luzenir Eurípedes dos Reis / Sebastião dos Reis, em 25/07/1997. Casal morador do Bairro da Penha, Passos, de grande vivência rural.

1) Alerta:

*Alerta! Alerta, pecadores...,
deste sono que vós tais.
Olha que Deus não dorme
nós também não dormirá...*

*Alerta! Alerta, pecadores...,
deste sono que vós tais.
Veja lá que o sono é irmão da morte
e a cama é a sepultura...²⁸*

2) Pedido de reza:

*Reza lá um Pai-Nosso,
junto com Ave-Maria,
pras almas dos afogados; (*)
reza pelo amor de Deus...!*

(*) Repete-se mudando as almas dos afogados pelas do purgatório, dos queimados, dos assassinados, dos que morreram nas estradas, almas benditas, etc.

3) Bendito da Semana Santa:

*Segunda-feira Santa,
a Senhora estava,
com seu Filho no braço,
bendita, sejais!*

*Sexta-feira Santa,
a Senhora estava,
coberta de luto,
bendita, sejais!*

*Terça-feira Santa,
a Senhora estava,
de joelho no chão,
bendita, sejais!*

*Sábado Santo,
a Senhora estava,
com seu Filho ressuscitado,
bendita, sejais!*

*Quarta-feira Santa,
a Senhora estava,
com seu Filho doente,
bendita, sejais!*

*Domingo alegre!
Os anjos também!
Leva nós na glória!
Para sempre, amém!*

*Quinta-feira Santa,
a Senhora estava,
com seu Filho morto,
bendita, sejais!*

*(Refrão:) Bendita, sejais!
Nossa Senhora das Dores!
Rainha dos Anjos,
Coroada de flores!*

4) Bendito de Igreja:

*Bendito! Louvado seja!
É o Santíssimo Sacramento!*

*Os anjos, todos os anjos!
Louvando a Deus, para sempre, amém!*

5) Canto de Retirada:

*Em vem o Anjo Gabriel, BIS
com seu rosário na mão,*

²⁸ Algumas versões complementam um dístico rimando: “O lençol é a mortalha / que encobre a criatura!”

*convidando pra rezar o terço, BIS
- meus irmão devoto! -
meia-noite da Paixão.*

Só participavam homens (cerca de onze), sem lençóis para encobrir. Saíam na Semana Santa, de segunda à sexta, iniciando e encerrando num cruzeiro, sem ultrapassar a meia-noite. Tinham matraca e berra-boi. Aceitavam comer o lanche deixado de fora das casas para eles, mas não deixavam sobras.

XIII - MUMBUCA (Passos) ²⁹

1) Alerta:

*Alerta! Alerta, pecadores...,
acordai quem tá dormindo;
veja lá que Deus não dorme
é bem que vós não dormisse...*

2) Pedido de reza:

*Reze lá em penitência,
quando Deus conserva bem, oi!
Reze um Pai-Nosso com Ave-Maria
pras almas de nosso conhecido.*

*Reze lá um Pai-Nosso,
junto com Ave-Maria,
pras almas do Purgatório
rezem pelo amor de Deus, oi...*

XIV - PASSOS ³⁰

1) Alerta:

*Alerta! Alerta, pecadores...
Acordai quem está dormindo.
Veja bem, que Deus não dorme;
nós também não dorme não...*

*Alerta! Alerta, pecadores...
Acordai quem está dormindo.
Veja bem que o sono é irmão da morte;
e a cama é a sepultura...*

2) Pedido de Reza:

*Peço que reze um Pai-Nosso,
junto com Ave-Maria;
Para as almas do purgatório.
Reze pelo amor de Deus...*

*Peço outro Pai-Nosso,
junto com Ave-Maria,
Para aquelas benditas almas
da obrigação... (*)*

(*) As almas que fazem benefícios aos encarnados; os espíritos benfazejos. Prosseguem o canto mudando os pedidos para as do purgatório, as inocentes, dos afogados, dos queimados, dos que morreram nas estradas.

²⁹ Informante: Henrique Américo Marques de Oliveira, 29/07/97, rurícola, com 94 anos na citada data.

³⁰ Versos transcritos de gravação gentilmente cedida por Sebastião de Pádua Queiroz, do Jardim Vila Rica, 29/07/1997.

3) Bendito de Igreja:

*Bendito! Louvado Seja!
É o Santíssimo Sacramento!*

*Os anjos, todos os anjos,
louvando a Deus, para sempre, amém!*

4) Bendito: (com batido contínuo da matraca)

*Bendito, louvado seja!
O Santíssimo Sacramento!
A Virgem Maria,
senhora nossa,
concebida sem pecado,
o Senhor Jesus!*

5) Canto Religioso: (com batido contínuo da matraca)

<i>Nossa Senhora do Carmo oração tem seu jardim de flor; cruz, que os anjos passeava glória no Domingo do Senhor! Jesus!</i>	<i>Foi achar lá em Roma Empezinho no altar; Com o cálix de ouro na mão Missa nova vai rezar.</i>	<i>Nós rezamos esta Para o Senhor daquela que nos leva para a Para sempre amém,</i>
--	--	---

<i>Juntaram as três Marias numa noite de luar, procurando Jesus Cristo nunca que puderam achar...</i>	<i>Óh Deus salve São Francisco é no Reino Portugal; vem me ajudar vencer essa batalha real.</i>
---	---

6) Beira do Rio:

<i>Na beira do rio bem nascido, BIS a Senhora estava bem criado, lavando o manto uma rosa, BIS do seu bento filho. cravo encarnado!</i>	<i>Não chora, Menino, BIS não chora, meu amor! A faca que corta BIS dá o talho sem dor!</i>	<i>Senhora lavava, São José estendia, Menino chorava do frio que fazia.</i>	<i>Fostes fostes filho de de um</i>
---	---	---	---

7) Bendito da Semana Santa: (Prosseguem em repetições mudando apenas Terça-feira da Luz, Quarta, etc.)

*Segunda-feira da Luz,
Pilatos prendeu Jesus.
Tremeu a terra, tremeu a cruz,
só não tremeu coração de Jesus!*

8) Jaculatória (recitada) :*Quem rezar esta oração, livra todas as almas do inferno, por*

toda geração!

XV - CAMPOS GERAIS³¹

Ocorria na zona rural deste município, onde os participantes encobriam a cabeça de panos brancos e usavam jogar grãos de milho nos telhados das casas diante das quais cantavam. O informante, supunha que este ato seria talvez para acordar os moradores³².

Considerações finais

Faço-as segundo constatações tomadas em São João del-Rei, minha terra natal.

Pelo fato da música seguir a uma partitura, conservada em arquivo; pelo uso de instrumentos ausentes em grupos folclóricos; pelo canto coral, há de se convir e eu concordo, que a música da encomendação de almas nesta cidade não é folclórica. E só.

Felizmente porém, o lado verdadeiramente folclórico dessa encomenda ainda é mantido: o ritual. E não há mal ou ofensa alguma que o seja, posto que, todos encerram em si uma parte do conhecimento das tradições populares. Não há vergonha em que seja folclórico, numa parte ou no todo. É uma questão de conceito e opinião, portanto muito subjetiva e nada acrescenta de útil à compreensão do fato nem à sua real conservação. O ritual folclórico parece-me que lhe aumenta o valor e digo mais, esta só é uma encomendação autêntica porque conserva este lado folclórico. A sua música e letra atuais não lhe conectam à raiz histórica. A letra dos motetos é perfeita para as vias-sacras mas não digo o mesmo para a encomendação. E não vai aqui nenhuma crítica ou juízo de valor, nem ao compositor, nem aos intérpretes, pois todos são muito capacitados e enaltecem nossa terra. Devo reconhecer a beleza e o valor da composição e a perícia de sua execução por músicos das corporações da cidade, mas apenas penso, que ela não é adequada para a encomendação. A composição de Manoel Dias de Oliveira deveria oportunamente retomar o seu papel, pois é em minha modesta avaliação mais apropriada.

As mudanças sociais tendem a extrair das encomendações sua áurea misteriosa. Mesmo em cidades tradicionalistas e fortemente católicas como esta, onde a tônica do grupo ainda é barroca, as alterações são visíveis. Muitas pessoas acompanham o grupo por mera curiosidade, sendo que antes ninguém podia observá-los. Mulheres ingressaram no coro e instrumental, sendo que de antanho só homens tocavam e cantavam, alguns fazendo falsete para compensar a falta de vozes femininas. Isto não é crítica. É apenas constatação.

Agora a quaresma parece um tempo comum. Ainda na década de 1980 não havia nenhuma festa ou baile nesse período. No decênio seguinte acelerou-se o desrespeito ao

³¹ Inf.: Vítor Claret Pereira, em 27/07/1997, morador do Bairro da Penha, Passos. Natural de Campos Gerais. Não fora seu apoio não teria sido possível executar tal pesquisa no sudoeste mineiro. A ele dedico este texto com grata admiração.

³² Pouco provável. Parece antes um ritual. Gomes & Pereira nos dão notícia do cunho propiciador de boas colheitas, que se esperava dos espíritos evocados, como primitiva função pagã das preces às almas, anteriores aos cristianismo. Em Portugal ofertam espigas nas alminhas, espécie de oratório consagrado às almas. Uma oferenda tradicional entregue nos cruzeiros pelos umbandistas é o Mingau das Almas, feito de leite e farinha de trigo, sem açúcar, bem fluido. Moedas jogadas sobre o telhado são também oferendas às almas (São João del-Rei e Candonga (Tiradentes), 2004).

silêncio do período e à quebra de seus tabus. Na atualidade, as casas noturnas não se recolhem ou então, diminuem muito pouco a atividade ³³. Como resultado, as ruas estão cheias de gente à procura de diversão na hora da encomendação e lhes assiste a passagem com total indiferença.

Nas esquinas, os bares estão com as mesinhas na calçada cheias de gente bebendo e conversando, com som ligado em alto volume. Carros passam correndo e a encomenda tem de encostar. Pessoas escancaram as janelas para assistí-los. Alguns na “contra-mão”, atravessam por entre os encomendadores sem cerimônia, nem sequer pedindo licença. As luzes e a agitação da noite moderna desambientaram o grupo.

Muitos acompanhantes conversam, até durante rezas e cantos. Uns riem. O aspecto religioso contudo se mantém, teimoso. Isto testemunhei. Agora, apenas por ouvir dizer, soube que alguns participantes nessa cidade estavam desanimados para 2007, posto que além dos problemas supracitados, na hora do término, tinham receio da volta para casa, não mais devido a assombrações, mas por causa da violência urbana.

Jornais tem algumas vezes abordado a encomendação com vistas a valorizá-la, transmitindo informações de ordem histórica e religiosa, além do itinerário. Reafirmam o seu lado folclórico, mas ao meu ver, lamentavelmente, nem sempre há exatidão nalguns dados, talvez por lapso da fonte consultada: “*São João del-Rei a única cidade mineira, e talvez a única do país, (não há registro da prática ritual em nenhuma outra cidade) a praticar o ritual em sua forma erudita praticamente inalterada*” ³⁴ ; “*São João del-Rei é a única cidade que conservou esta tradição mantendo inalterado o seu contexto religioso e penitencial, isento de superstições*” ³⁵ ; “*em São João del-Rei é tradição o rito de Encomendação das Almas. Grupos (sic) de homens, mulheres e crianças (sic) saem à noite com um pano branco cobrindo a cabeça (sic)*” ³⁶.

Perguntaram-me sobre o futuro desse grupo. Repito o que respondi. Penso que se manterá graças à dedicação e sabedoria de seus abnegados participantes, sobretudo dos organizadores, todos, pessoas deveras capacitadas, a quem muito se deve pela conservação de nossas tradições. Mas também acho e com tristeza que a encomendação corre o risco de se tornar, ao menos por aqui, uma atração quaresmal, um espetáculo musical de horas mortas, por causa do desrespeito galopante, não de seus integrantes, mas do meio urbano no qual está inserida. Não é possível guardá-la numa redoma de vidro blindado, à prova dos novos tempos. Ano a ano, a quaresma perde o seu recolhimento. Não só aqui, mas em muitos lugares, isso poderá ser facilmente averiguado. Já chamei a atenção publicamente para toda essa problemática ³⁷.

Concordo pois com as palavras de Jota Dangelo, em sua coluna semanal “Pelos

³³ Cf. **Gazeta de São João del-Rei**, n.444, 03/03/2007.

³⁴ PRUDENTE, Raquel. Fiéis saem às Ruas para Encomendação das Almas: rezas e cantos em homenagem aos mortos. **Gazeta de São João del-Rei**, 18 mar. 2000, n.86. p.7.

³⁵ **Folha das Vertentes**, n.1, mar./2004.

³⁶ **ACI del-Rei**, n.44, mar./2007.

³⁷ Em palestra do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, 04/03/2007; na imprensa televisiva em entrevista concedida ao “Jornal Regional” da TV Campos de Minas, canal 11, Rede Minas; na imprensa escrita, em entrevista para Lurdinha Lara, jornal **Folha das Vertentes**, n.73, mar./2007, nesta.

Esquinas”³⁸: “*Não sei mais o que significa Quaresma para mim. Já houve tempo que ela era semanas de mistério, de mulas-sem-cabeça tirando fogo com os cascos, no galope desenfreado sobre os pés-de-moleque do Largo da Câmara*”.

Conclusões

Apesar da devoção às almas ser bastante difundida e ativa, a encomendação em si, como uma de suas expressões devocionais, se encontra em ocaso. As francas alterações sociais do presente, cada vez mais, desambientam a encomendação das almas, mesmo em suas comunidades originais. Os aspectos lendários, primando pelo temor impresso como castigo ao pecador ou ao transgressor das regras, vão se tornando distantes referências, narradas pelos idosos. As luzes da modernidade, a tecnologia, o avanço das ciências, vão espantando os medos para locais ermos e trazendo o ceticismo e o materialismo. A encomendação das almas torna-se dia a dia anacrônica, sobrevivendo senão parcamente, nos lugares mais recônditos, cada vez mais esvaída do seu ar de mistério, de sua essência espiritual e de seus referências simbólicos.

Apêndice

Aproveitando o ensejo transcrevo o notório poema “Encomendação das Almas”, de 1959, escrito por Altivo de Lemos Sette Câmara, do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei³⁹. No paralelo entre vivos e mortos evocado pela encomendação, o autor admoesta com seu estilo tão peculiar, que só há uma eternidade. Seus competentes versos fazem refletir. No cemitério ninguém é dono da verdade. Os que julgam saber tudo, que não compreendem a essência e a verdade das tradições também terminam no mesmo lugar. A elitização ali acaba.

Noite tardonha de quaresma, ora vamos
Pequena orquestra e coro rumo aos cemitérios
A implorar no vão da estreita porta:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Dois levam o contra-baixo, o rabecão profundo
Que muge como um boi longe do tempo.
Ante portas estaca a comitiva e bate
Bate rebate a ossuda matraca
Na noitidão mortijas lanternas são acesas
Clangloram as trompas e as vozes deploram:
“Senhor Deus, misericórdia!”

A música é tão triste e cada um sozinho
Alma velha fechada em vida sem ventanas.

³⁸ Cf. Idem n.31.

³⁹ Poema gentilmente cedido pelo prof. Francisco José de Rezende Frazão, a quem agradeço. Publicado em São João del-Rei junto com outros poemas. O título deste que foi transcrito nomeia a brochura.

À parte, fumo. Que frio! São as almas? Oremos:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Quem é lá, detrás dos brancos muros?
Sementes da eternidade, grãos meio nasciturnos?
Quem vem lá? Ninguém secunda. É de Morte. Oremos:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Descemos, subimos chão de quebrada memória.
A lua minguante é uma lanterna gelada
No alto dos ciprestes, do outro lado das grades,
Lua de neve e trigo, para órfãos e cardíacos.
E o fantasma da derrota ora usa nossa boca e ora:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Sopra vento sul, rumo Lenheiro-Ibituruna.
Passou por este vale Fernão Dias Pais.
Esmeraldas não tinha. Ouro? Sorveteu-se. Foi-se.
Na serra as betas são velhas bocas ocas.
Rapou o ouro El-Rey, ficamos com o desdouro.
Herdeiro de buracos lá meu povo implora:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Dos cemitérios sobe o rumor do miserére
Té a boca das betas, lá é só restouro.
Não tem vivalma! Clangloram as trompas:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Ossos particulares nos jazigos ricos (memento homo)
Ossos gerais nos ossuários pobres (quia pulvis es)
Todos somos iguais na morte (et in pulverem)
Que a eternidade é uma só (reverteris)

Para os vivos o limpo som da flauta
É jato de água pura, um refrigerio.
A flauta do Melico lembra um assovio de anjo...
Cuidado! Descemos ladeira velha, calçada de pedra ferro.

Da urbe colonial passamos à nova cidade
Pela ponte do Rosário, arcos de granito escravo.
Em S. Francisco é a tradição que conta:
Aqui, xingando, burilou pedra sabão,
Bolinou anjos azuis o mestre Aleijadinho.

A forca foi no Morro. Lá, sem ar

Quem balançou a corda, pêndulo no vácuo?
Foi na chapada do Matola o pelourinho:
Quem sangrou no suplício? Negro escravo
“Senhor Deus, misericórdia!”

Motetes cantamos em sete cemitérios
Chegamos ao Quicumbi já gastos como écos. Longe...!
Ali no Porto foi morto Tomé Portes. Vixit!
Eu volto amolentado, zozzo de gastura.
“Senhor Deus, misericórdia!”

As Fábricas fiam silêncio. E os trilhos frios
Da estrada-de-ferro se encontram no finito.
Batem de novo os saltos no granito urbano.
Na ponte da Cadeia dissolve-se a fúnebre seresta.
Só relembração resta na rota da memória:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Que é a morte? Sono de osso nú, sem carne de sonho?
Ou um paraíso dado, sem queda nem lembrança?
Ou nada? Ou nada? Ou nada? Ausência pura!
O inferno é aqui mesmo.
Seja o que for, meu bem, é de morte. Oremos:
“Senhor Deus, misericórdia!”

Ah...! Eu? Eu? Não vale a pena.
Um dia voarei com asas de neblina e poeira
E cançado de tudo porei aos pés de Deus
O que levar da vida no oco da mão: areia.
“Senhor Deus, misericórdia!”

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Alceu Maynard. Folclore Nacional. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]. 930p.
- CORDEIRO, Rosalina Batista de A. Lamentações. Folclórica. Goiânia: governo estadual, 1986. n.8. p.49-50.
- CÔRTEZ, J.C. Paixão. Folclore gaúcho. Porto Alegre: CORAG, 1987.
- DÉDA, Carvalho. Brefáias e Burundangas do Folclore Sergipano. Aracaju: Regina, 1967.
- FIGUEIREDO FILHO, J. O Folclore no Cariri. Fortaleza: UFC, 1962. 112p.
- FREITAS, Elza de. Alimentação das Almas, Recomendação às almas ou devoção às almas. Revista Goiana de Artes, Goiânia, Instituto de Artes da UFG, v.11, n.1, jan. / dez. 1990.
- GAIO SOBRINHO, Antônio. Memórias de Conceição da Barra de Minas. Belo Horizonte: Universitária, 1990. 253p.il. p.

_____. Visita à Colonial Cidade de São João del-Rei. São João del-Rei: FUNREI, 2001. 128p.il. Cap.4: Um Encontro com os Mortos, p.83-100.

GIOVANINNI JÚNIOR, Oswaldo. Registro do Folclore da Zona da Mata. Juiz de Fora: Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina / FUNALFA, 2004. (Folder)

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães, PEREIRA, Edmilson de Almeida. Do Presépio à Balança: representações sociais da vida religiosa. Belo Horizonte: Mazza, 1995. Coleção Minas & Mineiros. 452p.il. Cap.2: Jardim das Excelências: contribuição ao estudo dos discursos fúnebres, p.198-425.

HILAIRE-SAINT, Auguste de. Viagens pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. São Paulo: Brasiliana, 1938.

LIMA, Rossini Tavares de. Folclore das Festas Cíclicas. São Paulo: Vitale, 1971. 187p.il.

MARQUES, Lilian Argentina Braga *et all.* Rio Grande do Sul: aspectos do folclore. 3.ed. Porto Alegre: Martins, 1995. p.92.

MARTINS, Saul Alves. Folclore: teoria e método. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MORAIS FILHO, [Alexandre José de] Melo. Festas e Tradições Populares no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. Religiosidade Popular: Charolas e Encomendações das Almas. Rio de Janeiro: Presença, 1998. 68p.

PELLEGRINI FILHO, Américo. Folclore Paulista: calendário & documentário. 2.ed. São Paulo: Cortez / Secretaria de Cultura, 1985. 240p.il.

ROCHA, José Maria Tenório. Folclore Brasileiro: Alagoas. Rio de Janeiro: MEC / FUNARTE / Secretaria de Assuntos Culturais, 1977. 79p.il.

SACRAMENTO, Maria de Lurdes. Reza das Almas pode motivar estudos. Juiz de Fora: Centro de Estudos Sociológicos, 1972.

SANT'ANNA, Terezinha de Azis Alexandre. Viçosa: meu município. Viçosa: Universitária, 1984. 92p. p.36

SETTI, Kilza. Recomenda das Almas. Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro. 1966. n.16.p.302.

SOUZA, Oswaldo de. Música Folclórica do Médio São Francisco. Rio de Janeiro: MEC / Conselho Federal de Cultura, 1980. v.1. 211p.

TOTINI, Wanda de Almeida. Monografia de Ponte Nova. p.53.

TRIGUEIROS, Edilberto. A Língua e o Folclore da Bacia do São Francisco. Maceió: UFAL, 1963. 191p.

VIEGAS, Alúcio José. Encomendação das Almas em São João del-Rei. Juiz de Fora: Centro de Estudos Sociológicos, 1977. Coleção Arquivos de Folclore, n.4. 14p.

VIEIRA FILHO, Domingos. Folclore do Maranhão. São Luís: [s.n.], 1976.